

Praia do urso

Jonatas T. Barbosa

1 – Urso espera

Uma gaivota enlouquecida pousou sobre a estante esparramando os objetos sagrados no assoalho com suas asas. Os quatro gatos siameses correram para devorar a ave. A turba felina não passou despercebida para os cães. O cão de tamanho médio pressionou as costas de Marie arranhando-a enquanto ela dormia. A cadela espantou os gatos e tomou a gaivota entre as presas.

A jovem despertou com o clarão de sol marítimo quebrando nas cortinas. Ao ver o sangue com saliva pingando no lençol, Marie saltou de calcinha e tentou tirar a ave da boca do animal.

- GLACÊ! - gritou, tropeçando nos livros de meditação zen, incensário e contas de rosário. - Largue já o nosso amigo!

As orelhas de Glacê se suspenderam. A cadela parou de mastigar a ave e trouxe-a aos pés abanando o rabo. A jovem pôs a mão na boca e engoliu o suspiro. Parte das vísceras era visível no meio da carne. O cão farejou-a e lambeu-lhe a cabeça enquanto sua dona tentava afastá-lo.

Marie disparou pelo corredor. Mas a franja incomodava entrando nos olhos. Voltou um instante ao quarto, apanhou a presilha e desceu até o térreo.

A faixa branca entre o céu e o oceano não estava calma como de costume. A frente da clínica estalava aos golpes de vento norte. Os trovões soavam distantes, porém violentos. Era certo de que uma massa fria e devastadora de ar atingiria a costa.

Os animais do ambulatório estavam agitados. Cães, gatos, roedores e aves estrepitavam as gaiolas num tremendo alvoroço. Exceto um. O animal enorme, ainda deitado, cheirou o ar em círculos, lambeu as narinas sentindo o sabor de sangue. Abanou as orelhas ao ouvir os grunhidos molhados da ave. O urso observou de olhos apertados Marie e a ave ferida.

- Calma, meu amigo, - disse a moça acariciando o bico. - Vamos deixar com mamãe que logo logo você vai poder voar pra onde quiser.

Marie pôs a ave sobre o balcão inox. Esfregou as palmas e dedos debaixo da bica. Desinfetou-as com álcool. Depois vestiu um avental e calçou luvas descartáveis. A gaiota mexia a cabeça, abria e fechava os olhos pela metade.

Marie pegou uma seringa no armário que ocupava toda a parede oposta às gaiolas (onde guardava inclusive os nutrientes para a dieta vegana de animais), jogou as caixas de ataduras aos trambolhões na mesa e apanhou ampolas com anti-inflamatórios na geladeira. Os cães desceram curiosos e se meteram entre as pernas da moça.

- Droga... Já pra fora, crianças! - esbravejou, apontando a porta os fundos. Os cães obedeceram com a língua balançando. - Por que vocês não podem se comportar?

Enfiou a agulha na pele da gaiota e provocou-lhe uma contorção. A criatura demorou alguns segundos para relaxar. Marie abriu o pacote de suprimentos de esparadrapos e limpou as feridas. Depois cobriu o ferimento para as moscas não pousarem.

De repente, uma das vidraças frontais se partiu em um quebra-cabeças. Uma cegonha voou e se chocou contra uma estátua na parede. A cabeça de elefante do deus hindu explodiu com a queda. Os gatos correram escorregando no chão liso. Os cães arranharam como se quisessem escavar a porta para o abrigo nos fundos. Os pássaros, roedores e outros bichos de estimação alojados na clínica se debatiam e uivavam. Todos estavam agitados; com exceção do urso, que apenas observava.

A sirene de evacuação urbana berrou longe, na direção do centro da cidade. A língua pendeu seca no céu da boca. Os primeiros tremores duraram um minuto. Uma rachadura brotou na parede de madeira e fez cair o relógio.

Marie esquecera-se definitivamente da gaiota.

Correu de volta pelas escadas para o segundo andar. Procurou o telefone na mochila. Digitou os números de emergência. A rede de telefonia e internet estavam fora do ar. Havia duas ligações não atendidas da namorada e trinta e uma mensagem de texto na caixa postal. Todas traziam um aviso de evacuação urbana e perigo iminente de catástrofe marítima. Mas o celular estava no modo silencioso.

O mar emergia em ondas de duzentos metros de altura e se dirigiam para a costa feito um monstro. O sol se escondeu por um tempo atrás da massa aquática que arrancava boas porções de bancos de areia e arremetia-se contra as pequenas embarcações ancoradas na costa. Uma lancha estacionada virou sobre o pequeno cais. Um velho que jogava damas com o neto tentou fugir ao notar a sombra. A criança ficou presa por uma estaca de madeira que arreventou da parede do barracão. A ponta atravessou-lhe a panturrilha e o menino foi arrastado pelas águas.

O velho se encolheu. Deixou-se levar pela onda que adentrava a praia até chocar-se contra uma coluna sólida. Sentiu uma barra de ferro em cruz entre os dedos. Escalou por dentro d'água segurando nas fendas da parede e nas grades da janela. A pele estava ferida na altura das costas. Um naco balançava como uma nadadeira entre as costelas, enquanto a areia abrasiva esmerilava sua carne.

Pela janela do segundo andar era possível Marie assistir a elevação marítima. A proporção do evento não lhe pareceu tão terrível até a lancha dar cambalhotas sobre a esteira de madeira rija do píer. Ela assistiu ao espetáculo, mas parou no momento em que as ondas atingiram o barracão de seus únicos vizinhos.

- Mas que merda! - gritou. – Meus filhos!

Marie correu pingando o suor da sola dos pés no piso. Escorregou no sangue da ave que não tinha percebido pingar da luva. O mergulho de peito do topo da escada fez com que os seios pequenos batessem em todos os degraus.

Levantou-se e pegou as chaves do claviculário sentindo dor nas costelas. Abriu as gaiolas uma a uma. Solto os três gatos, o cão poodle, os roedores, as aves e abraçou o coelho branco com uma mancha no olho esquerdo. A última gaiola era do urso. Ele aguardava inexpressivo. Marie raptara aquele animal de um circo em uma das empreitadas do grupo de ação em favor dos direitos de animais silvestres. O dono do circo sentenciara o urso à morte após um violento ataque que resultara na inutilização do braço de uma espectadora. Segundo ele, a mandíbula do urso partira-lhe o osso em duas metades e engolira três dedos.

Dois meses após o rapto, Marie não tivera problemas com cuidado do urso. Ela achava que a ingestão de carne era o que estimulava a violência. Por isso o submetera a uma dieta balanceada à base de todos os nutrientes necessários para crescer grande e forte. O animal não estava mais agitado, indicativo de que a alimentação alternativa era o caminho correto.

Marie amarrou a tira de bandagens para ferimentos na barra da cela para abri-la de longe. Destrancou-a e, abraçada ao coelho, se afastou. Preparou-se para fugir pelas escadas. Ficaria segura no segundo andar. Puxou a bandagem e a porta da jaula rangeu. O animal não esperou um segundo e ergueu-se, atirando-se na direção da moça. Ele não rosnava. Abriu a boca em silêncio e projetou as garras no ar como se quisesse dar um grande abraço. A moça se estatelou escada acima, cravando a unha na parede quando escorregava. Puxou o coelho pelas orelhas com a outra mão. A criatura de dois metros de altura deixava arranhões na parede.

Ela estava certa. A distância da atadura fora suficiente para chegar ao quarto ilesa.

Os minutos se esticavam como um estilingue. O ganido da cadela ressoou lá fora, agudo e longo. O cão rosnou apenas até a cadela ser desfiada em pedaços irreconhecíveis. Ele fugiu como um covarde e se afogou sob a pressão da água hedionda que invadia o térreo. Os gatos siameses subiram em uma palmeira ornamental fora da casa, mas a potência da água vergou o tronco, como se desejasse trazê-los para o fundo. Os outros gatos permaneceram na casa e foram soterrados por parte do teto, que cedeu. Apenas um deles estava no telhado desde que Marie enxotara-os. A última gata se encontrou com o urso que bebia água na privada do banheiro. Desesperada, patinou no piso escorregadio, o que impossibilitou de fugir da única mordida que sentiu do urso. O miado foi curto, mas alto. Marie arregalou os olhos.

Há dez anos, Marie convencera os pais a construir uma casa à beira da praia para que pudesse cuidar de animais e ficar livre da civilização. Imaginara uma habitação sem qualquer tipo de composição industrial. Sua visão de habitação perfeita era uma fantástica construção sustentável. As paredes revestidas com plantas e um eficiente sistema de captação de água de chuva. Dezenas de micro-hélices móveis para transformar o vento em energia elétrica. Além de claraboias para aproveitar o máximo da luz do dia.

A pressão da água atingiu as fundações daquela casa como um soco. Passados os minutos, a água recuou com violência. As colunas e paredes de gesso enfraquecidas começaram a estalar. O segundo piso se rompeu, e as vigas de sustentação principais se partiram em duas. O telhado cedeu sobre a cabeça de Marie sem que pudesse pensar ou sentir dor.

3 - Coelho da sorte

Marie despertou vomitando água salgada que escapulia pelo nariz e sentindo o fedor de pelo molhado. Não sabia quanto tempo se passara, mas já estava escuro. A lua minguava como uma

lâmina. Ela sentia apenas dor de cabeça. O resto do corpo parecia ileso. Passou a mão pela barriga, flanco e coxas. As pernas estavam livres, mas dormentes. Tentou mover uma a uma, elas não respondiam.

Algo se aproximou estalando os destroços de bambu e material cirúrgico. Marie respirou devagar. Esperava que a coisa não a percebesse. Entretanto, o cheiro da sua carne podia ser sentido de longe pelas gaivotas. Desesperada, ela se enfiou sob os escombros e se escondeu. As farpas e os pregos de metal machucaram os cotovelos e a barriga. Um prego quatro centímetros enterrou na carne e abriu uma linha vertical até a cintura.

No fundo dos escombros, algo macio se esfregou no seu rosto. Recuou perturbada e pegou um pedaço de madeira. Acertou a coisa com a ponta, socando-a como se usasse um desentupidor, e continuou a golpear até parar de se mexer. Marie tomou coragem e bateu. Sentiu algum monte de pelo úmido. Mordeu os lábios para lembrar-se do coelho.

A alguns metros, o urso caminhava sobre quatro patas. Seguia o cheiro de sangue fresco. O seu corpo musculoso pesou sobre o esconderijo. Ela sentiu a madeira vergar sobre as outras camadas de entulho comprimindo seu quadril. Por sete minutos o animal rodeou o perímetro. Fungou balançando seu corpo enrijecido. Marie cruzou os braços quando sentiu a barriga roncar. Os pensamentos intensificaram a dor de cabeça como se um ferro atravessasse o cérebro. Então, o telefone começou a tocar. O aparelho estava a uma camada de detrito acima de Marie, ao alcance de três braços. Sobre ela, o chão novamente começou a ceder.

Ele não precisou de muito esforço para escavar placas de compensado, gesso amolecido e montes de livros e álbuns de fotografias. As garras de sete centímetros se aprofundavam arranhando canos de ferro e móveis-feitos-em-casa. A última peça que estava entre ela e o urso foi removida sem esforço. As duas garras envolveram seus braços. Ele não a machucou a princípio. Trouxe-a para perto do focinho. O hálito era podre. Tão podre quanto se fosse alimentado com carne. Ela não lutou. Tentou imaginar como seria ter a o rosto comido para se acostumar com a dor.

O borrão monstruoso da boca do animal não a atingiu. O velho se aproximou o máximo que pode, e, furtivo, disparou um arpão contra a parte traseira do pescoço da criatura. O urso arremessou a jovem e se virou para agarrar o crânio frágil e ressecado do velho. Partiu-o como uma melancia madura. Depois o dorso vigoroso caiu sobre o próprio peso. As patas tremeram igual a um inseto que não fora completamente esmagado.

Marie estava consciente, apesar da dor se alastrar pela frente. O rosto queimava em febre. Ela ouvia a criatura se aproximar. O urso respirava produzindo um som de catarro. Ela se arrastou por cinco longos metros e o urso ia atrás. A dor em sua cabeça se alastrou até ela desistir. Olhou para a lua com os olhos marejando secreção e lágrimas, e aguardou o monstro deitar as presas para esfacelar o seu belo rosto.

Maria sentiu o urso encostar o focinho nos seus pés e arranhá-los com os dentes. Não tinha mais forças nas mandíbulas. Contentou-se apenas em lambe o sangue da ave no seu calcanhar.